

Carta Mensal

Fevereiro de 2018

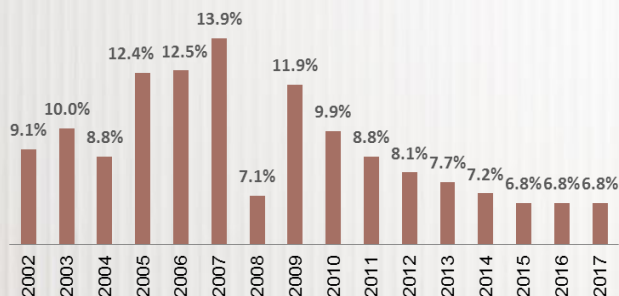
O AMBIENTE ECONÔMICO PARA INVESTIMENTOS

A percepção sobre o ambiente internacional ficou mais positiva entre dezembro e janeiro de 2018, na medida em que os dados econômicos mantiveram um ritmo que elevou a confiança sobre a aceleração do crescimento. Tal efeito espalhou-se pelos ativos de risco, trazendo importante valorização nos diferentes mercados ao longo do mês.

AMBIENTE EXTERNO

Entre os riscos elencados para este ano, foi muito discutida a eventual exaustão do ciclo de expansão nos EUA devido à sua ampla extensão em termos históricos. Porém, tal preocupação perdeu bastante tração recentemente. No âmbito geopolítico, igualmente refluíram as tensões que vinham caracterizando as relações do mundo com a Coreia do Norte, apesar da postura beligerante anterior tanto por parte de Donald Trump quanto de Kim Jong Un. Na Europa, a formação de uma coalizão na Alemanha parece provável, e não surgem maiores ressalvas além das já existentes em relação às eleições que ocorrerão em breve na Itália. Na China, os desequilíbrios financeiros parecem bem controlados e a economia mantém um desempenho positivo, com aceleração do crescimento em 2017 na comparação com 2016. Tudo isso em meio ao processo de moderação do crédito e redução da produção em setores poluentes e com excesso capacidade ociosa.

China
Evolução do PIB

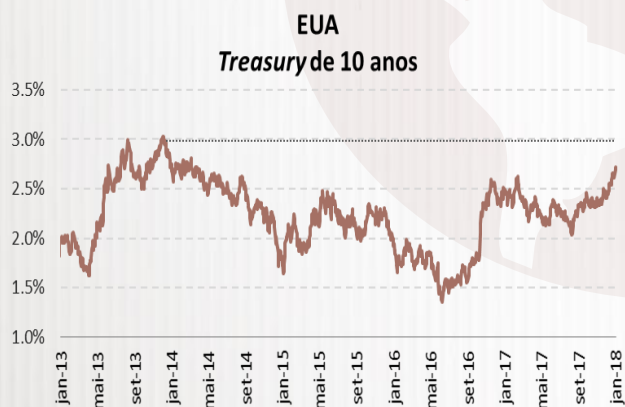


Fonte: Bloomberg

Ao passo que alguns riscos debatidos há um mês perderam repercussão neste momento - o que não significa que não possam voltar a assombrar os investidores ao longo do ano -, o questionamento mais latente passou a ser a possibilidade de convivência de um crescimento ainda mais sólido com inflação controlada. Embora a inflação ainda não tenha se manifestado de forma preocupante nos EUA, na Europa ou no Japão, o fato é que o mercado de trabalho está cada vez mais apertado nessas regiões, com evidente escassez de mão de obra em diversos setores. Nesse sentido, espera-se sim que pressões salariais comecem a emergir mais cedo ou mais tarde. Como consequência, as taxas de juros precisarão ser ajustadas de forma tempestiva para impedir um sobreaquecimento que exija respostas posteriores muito agressivas que acabem truncando o crescimento.

Por enquanto, admite-se que há uma harmonia no sequenciamento entre atividade, inflação e política monetária. As taxas prefixadas até 2 anos nos Estados Unidos estão subindo, mas, até agora, ainda não precificam integralmente o cenário básico do *Federal Reserve* (Fed) - 3 aumentos dos juros básicos em 2018 -, tampouco nosso cenário de 4 altas. No nosso entender, não faz sentido desacelerar o ritmo de altas em relação a 2017 (quando já houve 3 aumentos), agora que passou a reforma tributária, o crescimento está mais sólido e a inflação se avizinha.

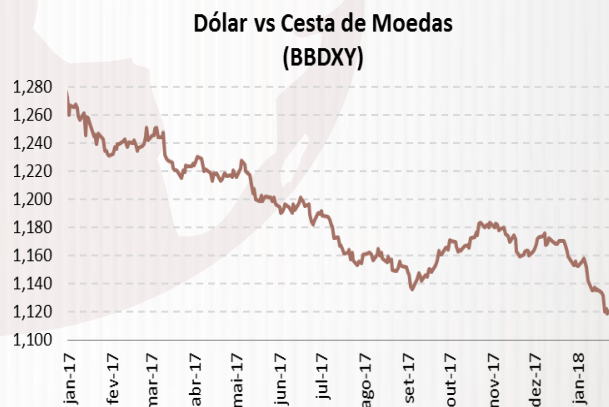
Muito importante no debate, porém, é o comportamento das taxas prefixadas das *treasuries* de 10 anos, que servem como referência para a precificação dos diversos ativos financeiros no mundo. Além de refletirem as expectativas de política monetária, embutem um prêmio de risco associado à inflação no longo prazo, que conversa com a dinâmica fiscal. Vale lembrar que os cortes de impostos nos EUA, que ampliam o impulso ao crescimento imediatamente, também serão acompanhados de elevação dos déficits públicos em dimensão expressiva. Isso exigirá maiores emissões de títulos pelo tesouro, em um momento em que a demanda pelos mesmos começa a diminuir (devido à redução das compras pelo Fed no processo de reversão do chamado *quantitative easing*). Todos estes fatores contribuem para que as taxas das *treasuries* sejam mais altas daqui em diante. Ademais, destaque-se os rumores de que países asiáticos, com maior ênfase na China, consideram diminuir as compras de dívida americana.



Fonte: Bloomberg

Entendemos que o rendimento das *treasuries*, portanto, deva caminhar em direção aos 3%, uma vez que já rompeu o patamar de 2,60%. Neste intervalo e, dependendo da velocidade dos movimentos, não nos parece haver motivos para maiores preocupações com uma eventual ruptura na positiva trajetória dos demais ativos de risco no mundo. De toda forma, monitoramos atentamente essa questão.

Muito interessante notar um outro movimento relevante nos mercados internacionais, que é a desvalorização do dólar em escala global, apesar da alta nos juros norte-americanos. Este não é um comportamento sem precedentes, e pode muito bem continuar. A dinâmica mais perversa das contas públicas nos EUA é um elemento que conspira contra a sua moeda. Além disso, já há aparentemente uma demanda relativa menor por dólares por parte principais bancos centrais do globo para a composição de suas reservas. Quando olhamos a taxa de câmbio real entre a divisa americana contra diversas moedas, os patamares atuais não podem ser considerados baixos, havendo aparentemente um amplo espaço remanescente de desvalorização. O euro, especificamente, demonstra uma trajetória bastante significativa de ganhos, também associada à perspectiva de que daqui em diante serão ainda mais comuns surpresas econômicas relativamente mais fortes na Europa do que nos EUA.

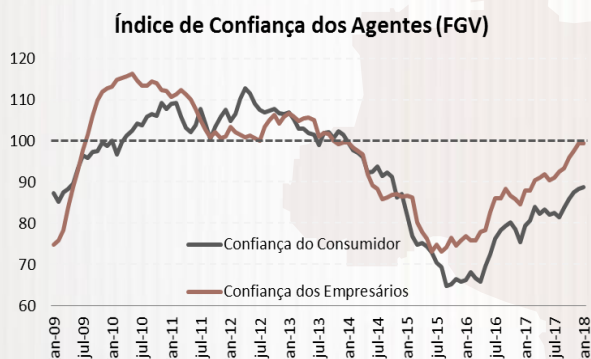


Fonte: Bloomberg

O Banco Central Europeu, por sua vez, se mostra ainda reticente em adotar um discurso mais contundente no sentido de interromper os excessivos estímulos monetários. No entanto, aos olhos do mercado, não tardará muito para que a entidade reconheça que com esse ímpeto dos indicadores de atividade será imperativo uma postura mais conservadora para não criar riscos futuros de descontrole inflacionário.

AMBIENTE LOCAL

A conjuntura local é marcada pela aceleração dos indicadores de atividade que apontam crescimento ainda maior para frente. Ressaltamos que a confiança tende a subir de maneira mais intensa dada a evidente euforia já expressa na bolsa de valores, o que irá se refletir nas decisões de consumo e investimentos, principalmente com as novas quedas nas taxas de juros prefixadas.

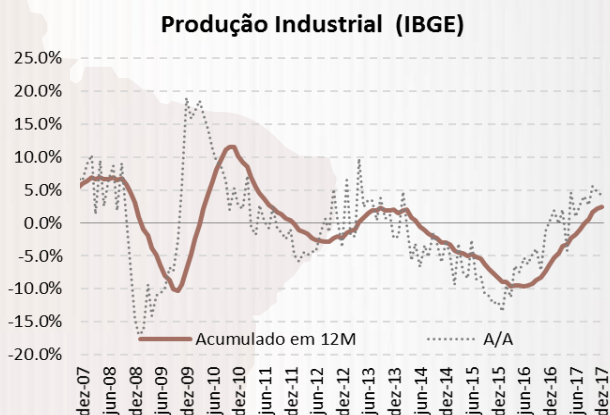


Fonte: Bloomberg

O desemprego encerrou 2017 em 11,8%, queda de 0,2 ponto percentual em relação ao último trimestre de 2016. O contingente de empregados aumentou 1,8 milhões em 2017, tendência que deve prevalecer em 2018. Isso é acompanhado pela ampliação da massa de salários, importante sustentáculo do consumo.

Nas estatísticas de crédito, vale destacar a evolução positiva recente não só para a pessoa física, mas também à pessoa jurídica. Há uma queda sensível dos spreads e das taxas de juros dessas operações, juntamente há diminuição da inadimplência. O comprometimento de renda das famílias (porção da renda destinada a pagar parcelamentos de empréstimos) segue caindo de forma relevante, o que serve de apoio à demanda daqui para frente.

Outro dado que chamou a atenção foi a produção industrial, cuja variação no último trimestre de 2017 ficou em 1,9%. As vendas no varejo também evoluem de maneira saudável, com retomada importante no setor automotivo e até em materiais de construção. Após o dado da indústria, vários analistas, incluindo nós, ganharam mais confiança de que em 2018 o crescimento do PIB pode chegar a 4%. As nossas estimativas oficiais são da ordem de 3,7%, mas a assimetria da projeção é para cima.



Fonte: Bloomberg

A Selic deve ceder para 6,75% na reunião do Copom que ocorrerá em breve, patamar que pode prevalecer durante um bom período de tempo, dada a elevada ociosidade na economia, caracterizada por uma demanda em nível significativamente abaixo da capacidade de oferta. Somam-se a isso as expectativas de inflação ancoradas na meta e a própria inflação corrente bastante deprimida. Contudo, comparados ao mercado, temos uma avaliação um pouco distinta, pois consideramos que os juros básicos devem voltar a subir no fim do ano. No entanto, entendemos que essa alta será bastante inferior aos ciclos anteriores e, consequentemente, os manterá em níveis médios ainda bastante baixos historicamente.

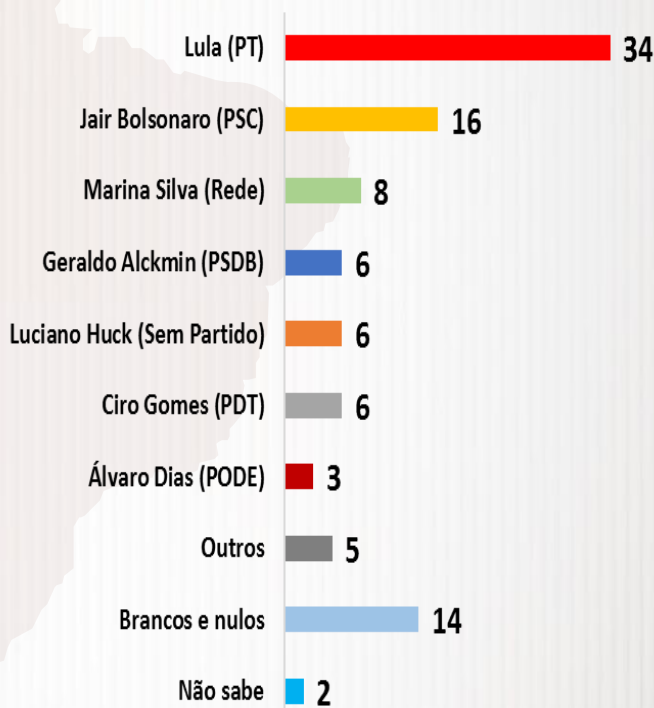
Apesar do *frenesi* que se materializou após a condenação em segunda instância do ex-presidente Lula, não se pode dizer que o mercado já não aguardasse esse resultado. Porém, a unanimidade na intensificação da pena pelos três desembargadores em relação à sentença de Sergio Moro, fez com que aumentasse a probabilidade percebida de que o ex-presidente não estará na cédula eleitoral, por ser enquadrado na Lei da Ficha Limpa. A possibilidade recursal de Lula se limita ao embargo de declaração no próprio TRF-4, o que não altera o mérito da decisão de condenação. Findado o recurso, inclusive, a prisão tem grandes chances de ser decretada, já que há jurisprudência para tanto, e lembrando que houve a recomendação dos desembargadores para o início do cumprimento da pena. A defesa já entrou com pedido de habeas corpus no Superior Tribunal de Justiça (STJ) que, em um primeiro momento, acabou sendo recusada.

Enfim, na avaliação do mercado é que aumentaram as chances de um presidente que mantenha em pé o curso das reformas. De toda forma, quem será essa figura é outra questão de difícil resposta. A própria pesquisa Datafolha, cuja coleta ocorreu após o julgamento, não permite qualquer convicção. Lula continua liderando as pesquisas e, em sua ausência, o contingente de votos brancos e nulos é historicamente elevadíssimo (mais de 30%). Seus votos são transferidos apenas de modo parcial na direção de Marina Silva e Ciro Gomes principalmente, mas também para outros nomes. A pulverização ainda é grande.

Os líderes nas pesquisas sem Lula (Jair Bolsonaro e Marina Silva), tampouco dão segurança de sustentação. A essa distância do pleito, é sabido que quando a campanha começar para valer, utilizando-se de toda a

estrutura partidária do establishment, o jogo pode mudar completamente de figura. Os flertes para composição de alianças partidárias, o desenho das estratégias dos pretensos candidatos e os balões de ensaio estão em andamento. Entre março e abril se terá uma primeira definição. Este é o momento em que as trocas de legendas e as filiações partidárias precisam se materializar para todos que querem concorrer nas eleições. No entanto, o jogo ainda correrá de maneira vagarosa, pois é notório que somente por volta de julho o eleitor começa a dar foco ao tema.

Cenário Datafolha - 1º Turno

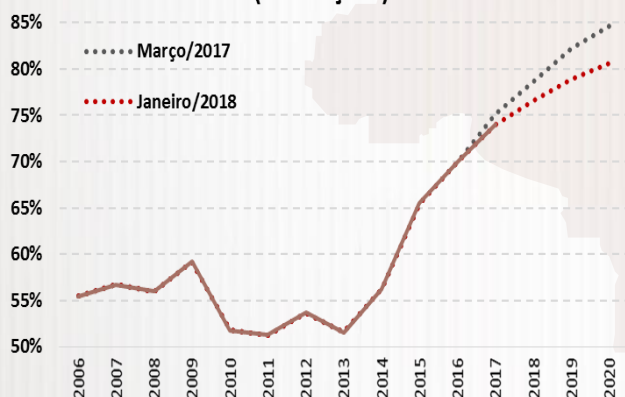


Fonte: Datafolha

A reforma da previdência ainda terá toda a atenção do governo, que continua na ofensiva para aprová-la. Há aparições de autoridades como o próprio Presidente em programas de entrevista e auditório para ampliar o esclarecimento e angariar apoio da opinião pública. No entanto, não existem fatos novos que mudem a avaliação sobre as chances da reforma. Ela pode ocorrer, mas não está nas expectativas. Seria uma surpresa positiva.

A aparente leniência com uma não aprovação da PEC da previdência, tem a ver com a melhora de curto prazo nas contas públicas, que dão um pouco mais de tempo, associada à maior confiança de que em 2019 o tema será invariavelmente tratado. O déficit primário de 2017 ficou substancialmente abaixo do orçado e, aparentemente, em 2018 pode ocorrer o mesmo. As receitas extraordinárias ainda podem ser relevantes neste ano, e a retomada da atividade talvez gere um crescimento da arrecadação mais do que proporcional. Em suma, PIB mais alto, resultado primário menos negativos e juros reais baixos, reduziram, pelo menos por ora, a aceleração da relação dívida/PIB.

Relação Dívida Bruta/PIB
(Simulações)



Fonte: Bloomberg

MERCADOS E ALOCAÇÃO

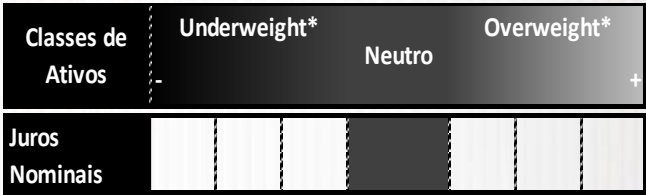
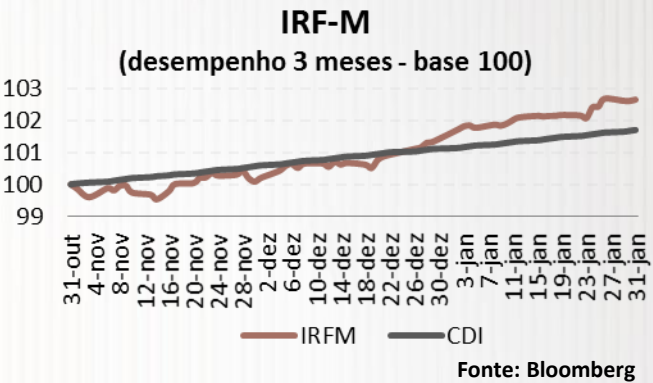
Estamos mais crentes de que o crescimento deste ano pode ser superior a 3,5%, e mantendo um desempenho de cerca de 3% em 2019. As condições políticas, embora passíveis de bastante oscilação, não parecem que vão abalar a retomada forte da confiança, que seguiu curso de recuperação mesmo após a delação dos irmãos Batista em maio de 2017. Os mercados tendem a consolidar a percepção de que o ciclo de crescimento está instalado e vai se preservar por alguns anos. Para coroar, parece que os eventos recentes acabam de selar uma mudança de mentalidade política no que diz respeito à gestão macro e microeconômica, caracterizando um momento de *bull market*. Estes momentos não se exaurem rapidamente, mas duram por anos, e, agora, podem ser potencializados pelas condições externas amplamente favoráveis.

Mantemos posição comprada em bolsa de valores e juros reais.

JUROS NOMINAIS

O bom humor neste início de ano ficou expresso na renda fixa nominal através da valorização de 1,30% no índice IRF-M em janeiro, contra 0,58% do CDI. Além da onda externa favorável que aumenta o apetite por títulos brasileiros, o comportamento benigno da inflação localmente também contribui para tanto. Mais importante ainda neste momento, se reduziram alguns temores de longo prazo em decorrência de uma avaliação mais confiante de que deve emergir das urnas em outubro uma liderança que preserve a agenda econômica atual. Soma-se a isso os dados correntes mais favoráveis das contas públicas, associados à percepção de que, juntamente com o maior crescimento, concorrem para desacelerar a deterioração da relação dívida/PIB.

Na próxima semana o Banco Central realiza a primeira reunião do Copom do ano, e acreditamos em uma redução da taxa Selic de 7,00% para 6,75% a.a.. Com isto, o retorno das aplicações pós-fixadas fica em níveis ainda mais reduzidos. Com o propósito de diversificação, condicionada ao perfil do investidor, aplicações prefixadas nos prazos de 3 a 4 anos (com taxas de juros na região de 9,0% a.a) são interessantes, pois acrescem mais de 2% de remuneração ao ano em relação ao CDI. Esta estratégia pode ser implementada através de títulos públicos ou notas estruturadas. No entanto, elas valem principalmente para os portfólios que se encontram excessivamente concentrados em ativos pós-fixados, pois mantemos a recomendação de alocação tática no nível neutro nessa classe de ativo.



Fonte: Santander Private Banking

JUROS REAIS

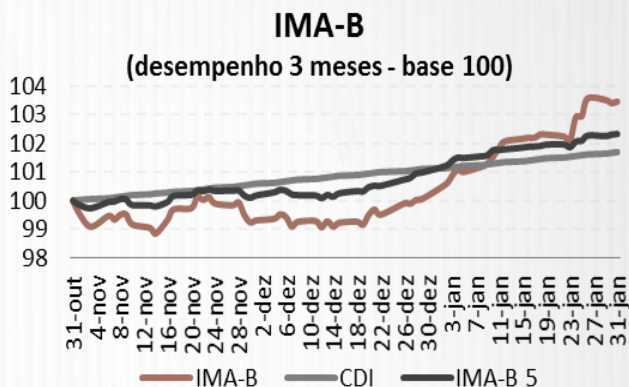
A classe dos juros reais teve boa performance em janeiro, com valorização de 3,4% segundo o índice IMA-B. Houve um declínio das taxas reais prefixadas ao longo de toda a curva, principalmente nos vértices mais longos.

Olhando o presente e o futuro, há uma convergência de fatores conjunturais e estruturais que devem aumentar a convicção dos mercados de que os juros reais de equilíbrio (aqueles que geram crescimento não inflacionário) caminham para 4%, ou menos. As NTN-Bs com vencimento entre 2022 e 2024, com taxas ao redor de 4,40% e 4,60%, portanto, nos parecem atraentes. Ademais, do ponto de vista de risco e retorno, são rendimentos razoavelmente acima dos vértices mais curtos (até 2020), e preservam uma certa moderação no incremento de risco, quando comparados aos títulos mais longos (2026 em diante).

Mantida a taxa estável, estimamos um retorno de cerca de 130% do CDI na NTN-B 2022 em 2018, assumindo nosso cenário para a Selic e IPCA no período. Se as taxas cederem, o que vemos com maior probabilidade de ocorrer, os ganhos podem ser substancialmente maiores devido à marcação a mercado. Já em cenário adverso, um aumento até 40 pontos base dessas taxas não seria suficiente para que o papel rendesse muito menos de 100% do CDI até o fim do ano. Papéis muito longos, por sua vez, podem trazer mais ganhos com quedas das taxas, mas mais facilmente ficariam atrás do CDI em cenários negativos.

Poderíamos optar por alocação nas NTN-B's mais longas dado o nosso otimismo, mas,

como sempre raciocinamos o melhor equilíbrio em termos do portfólio como um todo, optamos por alocar relativamente mais risco em bolsa, cujo upside nos parece bem maior no tempo, compensando sua volatilidade.



Fonte: Bloomberg

Classes de Ativos	Underweight*			Neutro			Overweight*		
Juros Reais									

Fonte: Santander Private Banking

RENDA VARIÁVEL

O Ibovespa subiu 11,14% em janeiro, atingindo novas máximas históricas. Em 12 meses o índice se valoriza mais de 30%, movimento bastante intenso e que deixa muitos investidores se questionando sobre a sustentabilidade deste ciclo de ganhos no futuro.

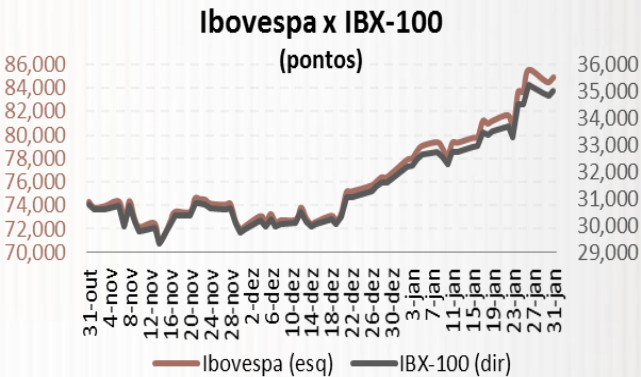
Logicamente que altas fortes e concentradas no tempo, como em janeiro, não devem ser vistas como o padrão. Pelo contrário, normalmente depois de momentos como este, qualquer ruído pode ser razão para uma correção de preços. Porém, acreditamos que está se consolidando uma tendência de alta que, mesmo em meio a oscilações, deverá persistir por alguns anos.

Historicamente, momentos de transição política associada a inflexão de ciclos econômicos são seguidos por períodos extensos de ganhos na renda variável. O Brasil não sobrepôs os obstáculos que o tornariam um país desenvolvido. No entanto, houve sim uma mudança de concepção de política econômica para melhor, e uma redução de amarras importantes que, dadas as nossas condições tão deprimidas, podem servir para dar imensa propulsão a partir dos níveis atuais. O ambiente de negócios tem melhorado através de diversas medidas e reformas microeconômicas mas, mais importante, muitos preconceitos anteriores com a iniciativa privada estão sendo diluídos. Isso é um fator fundamental para gerar inovação e crescimento.

Mantido o contexto externo favorável, então há um conjunto robusto de elementos para a

manutenção da alta da bolsa. Notemos que o MSCI dos países emergentes subiu cerca de 47% em dólares desde o início de 2017, contra algo próximo a 43% do MSCI Brasil. Portanto, não se pode desprezar que, até aqui, a maior parte do nosso retorno adveio do bom ambiente internacional. No entanto, algumas idiossincrasias domésticas começarão a fazer diferença daqui para frente.

Seguimos nossa recomendação overweight nesta classe de ativos.



Fonte: Bloomberg

Classes de Ativos	Underweight*			Neutro			Overweight*			+
Renda Variável										

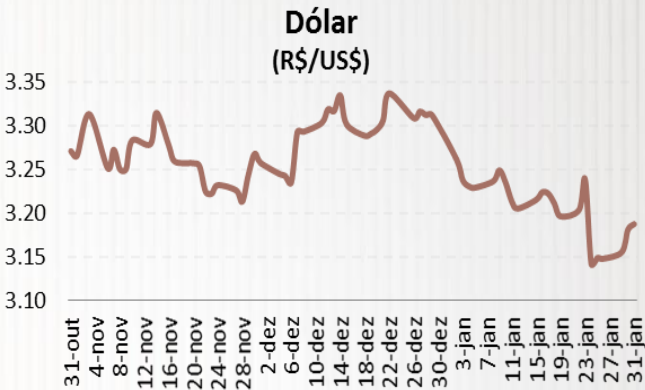
Fonte: Santander Private Banking

CÂMBIO

O dólar encerrou o mês negociado ao redor de R\$ 3,20/US\$, acumulando queda de cerca de 3,0%. A taxa de câmbio ainda não apresenta nenhuma tendência direcional em janelas mais longas, porém apresenta muita volatilidade. Durante janeiro a cotação oscilou entre uma máxima de R\$ 3,30/US\$ e mínima R\$ 3,12/US\$.

Em termos de fundamentos, há vetores amplamente favoráveis relacionados ao comportamento benigno do balanço de pagamentos brasileiro, que conta com déficit em transações correntes muito pequeno, investimento direto robusto, e um nível de CDS (risco país) baixo. No exterior, a perspectiva de ajuste de política monetária nos Estados Unidos é apenas gradual e, por ora, as perspectivas de aumento do déficit público no país estão gerando desvalorização do dólar em escala global. Há, no entanto, riscos no cenário doméstico concernentes ao ano eleitoral e não se pode desconsiderar que a queda muito acentuada da Selic reduz parte da atratividade do real.

O embate entre essas forças nos faz manter a alocação recomendada no nível neutro. Porém, como maneira de equilibrar a carteira e mitigar o impacto de cenários adversos, como a possibilidade de alta de juros mais intensa nos Estados Unidos ou reveses eleitorais, alocações via notas estruturadas, ou até derivativos, desde que alinhado com o perfil do investidor, são instrumentos interessantes para a diversificação e a proteção dos portfólios de investimento.



Fonte: Bloomberg

Classes de Ativos	Underweight*			Neutro		Overweight*	
	-					+	
Câmbio							

Fonte: Santander Private Banking

RECOMENDAÇÕES

Classes de Ativos	Underweight*			Neutro	Overweight*		
	-						+
Juros Nominais							
Juros Reais							
Multimercado							
Renda Variável							
Câmbio							

* Underweight/Overweight representam recomendações abaixo/acima do patamar Neutro

Alocação do mês anterior

Fonte: Santander Private Banking

PROJEÇÕES ECONÔMICAS

	2016	2017	2018
Crescimento mundial	3.2%	3.6%	3.7%
Estados Unidos	1.5%	2.2%	2.3%
Zona do Euro	1.8%	2.1%	1.9%
Alemanha	1.9%	2.1%	1.8%
Reino Unido	1.8%	1.7%	1.5%
Japão	1.0%	1.5%	0.7%
China	6.7%	6.8%	6.5%
Brasil			
PIB - Crescimento real	-3.6%	1.0%	3.7%
IPCA (A/A)	6.3%	2.8%	4.2%
IGP-M (A/A)	7.2%	-0.9%	4.5%
Taxa Selic (fechamento)	13.75%	7.00%	8.00%
Conta-corrente (% do PIB)	-1.3%	-0.5%	-0.8%
Taxa de Câmbio (fechamento - R\$/US\$)	3.26	3.30	3.50
Resultado Fiscal Primário (% do PIB)	-2.5%	-1.7%	-2.3%

Fonte: Santander Economia e FMI

ÍNDICES DE REFERÊNCIA

ATIVOS DOMÉSTICOS

Dados Atualizados Até: 31/jan/18

Referências	jan-18	3M	6M	12M	2018	2017	Duration
CDI	0.58%	1.73%	3.84%	9.40%	0.61%	9.95%	-
IMA-B	3.40%	3.47%	6.35%	14.49%	3.43%	12.79%	7.25
IMA-B 5	1.33%	2.42%	5.17%	12.77%	1.36%	12.58%	1.96
IRF-M	1.30%	2.68%	5.38%	14.09%	1.33%	15.20%	2.24
Ibovespa	11.14%	11.14%	11.76%	29.64%	11.14%	26.86%	-
IPCA*	0.35%	1.07%	1.85%	2.92%	0.35%	2.95%	-

RENDA VARIÁVEL - GLOBAL

Referências	jan-18	3M	6M	12M	2018	2017
S&P-500	5.62%	9.76%	14.31%	23.91%	5.07%	19.42%
Eurostoxx	3.01%	-1.44%	4.64%	11.72%	2.41%	6.49%
MSCI - Global (US\$)	5.22%	8.78%	12.86%	23.48%	5.05%	20.11%
MSCI - Emergentes (US\$)	8.30%	12.47%	17.67%	37.98%	8.76%	34.35%
MSCI - Europa (US\$)	1.56%	0.32%	4.64%	9.40%	1.48%	7.27%

MOEDAS

Referências	jan-18	3M	6M	12M	2018	2017
Dólar Vs Real	-3.77%	-2.83%	1.99%	1.24%	-3.78%	1.76%
Euro Vs Real	-0.56%	3.46%	6.89%	16.32%	-0.11%	16.03%
Euro Vs Dólar	3.41%	6.55%	4.83%	14.97%	3.94%	14.15%
Libra Vs Dólar	5.02%	7.44%	7.39%	12.82%	5.56%	9.51%
Dólar Vs Iene	-3.11%	-3.53%	-0.97%	-3.20%	-3.26%	-3.65%

COMMODITIES

Referências	jan-18	3M	6M	12M	2018	2017
CRB - Commodities Global (US\$)	-2.50%	-3.43%	-0.38%	-2.47%	-2.53%	2.19%
CRB - Metais (US\$)	-5.46%	-9.67%	-10.39%	-12.29%	-5.64%	13.27%

* O IPCA utilizado no mês de referência trata-se da projeção do Relatório Focus do Banco Central.

Fonte: Bloomberg

Market Advisory Group

Rafael Nascimento Bisinha, CFP®
+55 (11) 3553-9496
rbisinha@santander.com.br

Arthur Yukio Sinzato, CFA
+55 (11) 3553-5034
asinzato@santander.com.br

Ricardo Aralios Neves
+55 (11) 3553-1250
rines@ santander.com.br



ESTAMOS CONECTADOS 24 HORAS, 7 DIAS POR SEMANA



**APLICATIVO
SANTANDER**



**APLICATIVO
WAY**



**SANTANDER
.COM.BR/PRIVATE**

Private Direto

Consultas, informações
e transações.

3003 7750

(principais capitais)

0800 723 7750

(outras localidades)

55 (011) 3553 4156

(ligações no exterior)

Das 8h às 22h,

todos os dias,

inclusive feriados.

Escritório Private

Dúvidas e informações:

0800 702 1212

Das 9h às 18h,

de segunda a sexta,

exceto feriados.

SAC

Reclamações, cancelamentos
e informações:

0800 762 7777

Pessoas com deficiência

auditiva ou de fala:

0800 771 0401

No exterior, ligue a cobrar

para: **55 (11) 3012 3336**

Atendimento 24h

por dia, todos os dias.

Ouvidoria

Se não ficar satisfeito com
a solução apresentada:

0800 726 0322

Pessoas com deficiência

auditiva ou de fala:

0800 771 0301

Disponível das 9h

às 18h, de segunda a

sexta-feira, exceto feriados.

Este material foi preparado pelo Banco Santander (Brasil) S.A. As informações, opiniões, estimativas e previsões nele contidas foram obtidas de fontes consideradas seguras pelo Banco Santander (Brasil) S.A., mas nenhuma garantia é firmada pelas fontes, pelo Banco Santander (Brasil) S.A. ou empresas a ele ligadas quanto a correção e integridade de tais informações, opiniões e estimativas, ou quanto ao fato de serem completas. Os investimentos nele apresentados podem variar de preço e valor. Os investidores poderão obter resultados inferiores ao seu investimento. A performance do passado não representa garantia de resultados futuros. Este material destina-se à informação de investidores e não constitui oferta de compra ou venda de títulos e/ou valores mobiliários. O Banco Santander (Brasil) S.A. e/ou suas empresas ligadas, poderão, eventualmente, possuir em carteira ou ter rendimentos relacionados a títulos e/ou valores mobiliários direta ou indiretamente referidos neste material. As aplicações em cotas de fundos de investimento somente poderão ser efetuadas com base no regulamento, no prospecto e no material publicitário de cada fundo. Os investimentos em fundos envolvem riscos e não contam com a garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo seguro, ou ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. As informações adicionais sobre os custos do produto estarão à disposição quando solicitadas. Os investimentos apresentados podem não ser adequados aos seus objetivos, situação financeira ou necessidades individuais. O preenchimento do formulário relativo à análise do perfil de investimento API – Análise de Perfil Santander é essencial para garantir a adequação do perfil do cliente ao produto de investimento escolhido. Leia previamente as condições de cada produto antes de investir.



A presente Instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para a Atividade de Private Banking no Mercado Doméstico.

ESTA PUBLICIDADE E/OU MATERIAL TÉCNICO SEGUIR O CÓDIGO ANBIMA DE REGULAÇÃO E MELHORES PRÁTICAS PARA A ATIVIDADE DE PRIVATE BANKING. A VINCULAÇÃO DO SELO NÃO IMPLICA POR PARTE DA ANBIMA GARANTIA DE VERACIDADE DAS INFORMAÇÕES PRESTADAS.